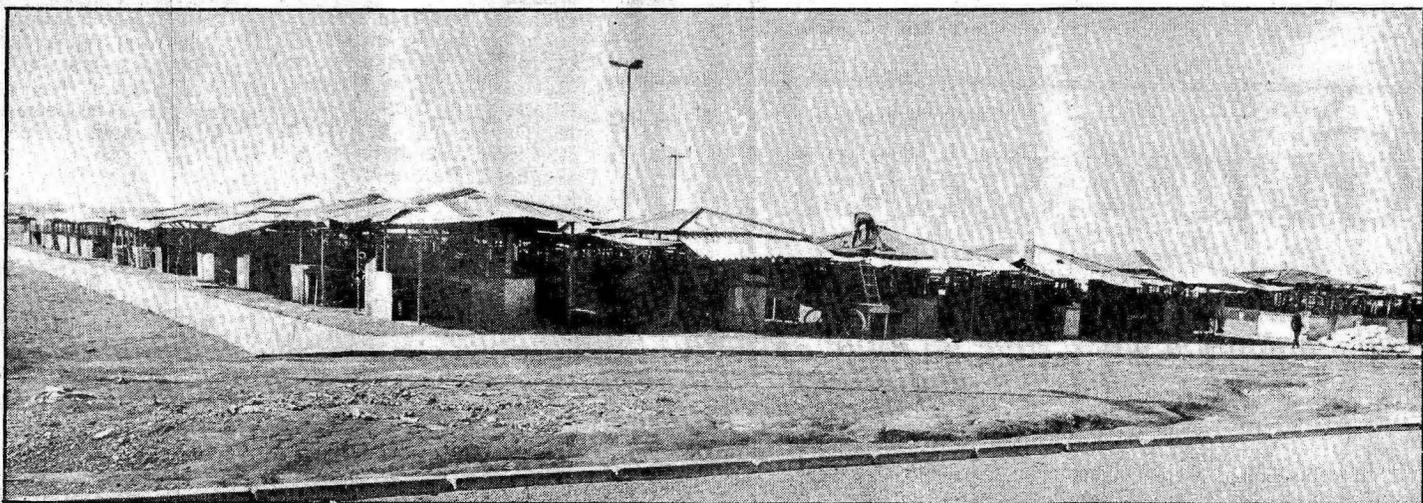
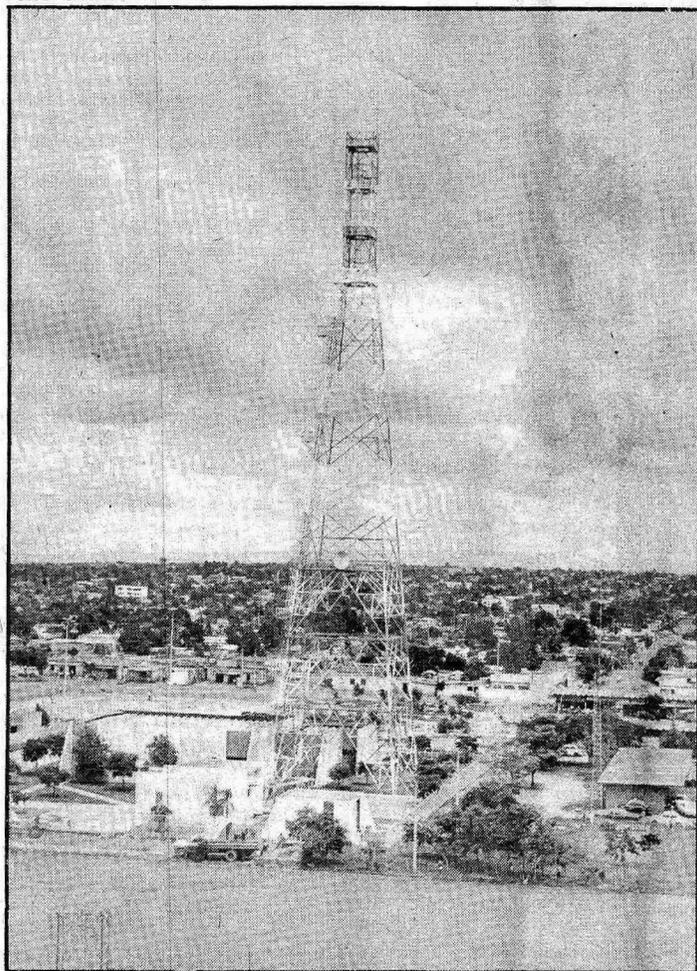


CEILÂNDIA

Apesar da implantação de infra-estrutura, a cidade enfrenta graves problemas

Fotos: CARLOS ALBERTO



AMÂNDIA COELHO
Da Editoria de Cidade

Só para implantação, na Ceilândia, dos serviços comunitários e infra-estrutura básica, como esgoto, iluminação, água potável, o Governo gastou, até agora, Cr\$ 827 bilhões. Um pouquinho menos do que gastará para sanear as finanças do banco Sulbrasileiro. Mas apesar de todo este investimento a cidade-satélite atravessa um momento crucial em sua história, que está ligado diretamente à melhor distribuição de renda da população do Distrito Federal e à moradia própria.

O Governo do Distrito Federal não poderá "tampar o sol com a peneira", como dizem os habitantes da cidade-satélite, bem no seu palavreado repleto de ditos populares e grande sabedoria. Será necessário, de uma vez por todas, tentar absorver uma mão-de-obra desempregada, ociosa, que sobrevive na Ceilândia Deus sabe como. O reflexo do desemprego está à mostra na satélite para qualquer visitante: os cortiços que abrigam famílias numerosas, exploradas por outros um pouco mais privilegiados pela sorte.

Alguém pode entender que um trabalhador assalariado consiga o "milagre" de alimentar no mínimo cinco dependentes, dar-lhes teto, vesti-los e ainda pagar as passagens mais caras de transportes coletivos no Brasil? Pois lá está "proeza" é conseguida ao mesmo tempo em que se enfrenta os riscos de assaltos que, muitas vezes, acabam em morte.

Ceilândia deixou há muito tempo, é verdade, de ser classificada como a satélite mais violenta do DF. Mas como possui no seu perímetro urbano um grande contingente de pessoas carentes, em pouco tempo voltará àquela posição de destaque.

Felizmente o Governo soube captar a necessidade de Ceilândia receber sua infra-estrutura básica. Agora o importante é urbanizá-la. Dotá-la de lazer,

para que as crianças mais afoitas de lá não se mobilizem até Taguatinga ou sônhem com o Parque da Cidade, no Plano Piloto, para usufruírem de alguns brinquedos banais. Asfaltar suas entrecruças, gramar e arborizar sua vasta extensão para que sua população não seja castigada pela poeira e o vento, na época da seca, e nem pelo lamaçal, durante o período de chuvas torrenciais que acontecem freqüentemente em sua área.

A Ceilândia é a cidade da complexidade, de extremos. Tudo é pouco ou demais. Não há a condição ideal, o equilíbrio, a neutralidade. E assim como existem pessoas pacatas, ordeiras, trabalhadoras, há o extremo da prostituição, encravada em área residencial. Ceilândia, quando a planejaram em forma de um barril, não foi pensada como abrigo de prostíbulos que sobrevivem ao lado de lares bem estruturados, ou em formação. Provocando arruaças e crimes que espantam a comunidade do DF.

Escolas, hospital, postos de saúde, há toda uma estrutura de serviços públicos à disposição de uma vasta população. Para quem não sabe, a cidade detém um dos maiores índices de natalidade do mundo. Não é exagero. Chega a ultrapassar países como a Índia. E a todo o momento recebe mais pessoas à procura de novas chances de enriquecimento que a construção de Brasília soube tão bem propagar pelo País. Por isto precisa passar por um aperfeiçoamento, como diz sua própria administradora, Maria de Lourdes Abadia Bastos.

A médio prazo o novo governador do DF enfrentará, na complexa Ceilândia, uma questão importantíssima. Apesar do Programa de Assentamento Populacional de Emergência (Pape), que provocou a expansão do Setor "O", abrigando cerca de seis mil famílias em lotes próprios, ainda restam segundo dados da Associação dos Inquilinos da Ceilândia, vinte mil famílias residindo nos cortiços em condições subumanas.

As obras de infra-estrutura custaram Cr\$827 bilhões, mas não diminuíram os problemas sociais de Ceilândia